



MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:

estudos, reflexões e perspectivas

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

3

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadoras

Prof.ª Ma. Denise Pereira
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Capa

AYA Editora

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Me. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chiroli

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.º Me. José Henrique de Goes

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Me. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Me. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Me. Pedro Fauth Manhães Miranda

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Ma. Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda

Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

Prof.º Dr. Valdoir Pedro Wathier

Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional, FNDE

© 2021 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de responsabilidade de seus autores.

M9399 Métodos e práticas pedagógicas: estudos, reflexões e perspectivas 3 [recurso eletrônico]. / Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti (organizadoras) -- Ponta Grossa: Aya, 2021. 334 p. – ISBN 978-65-88580-78-3

Inclui biografia
Inclui índice
Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
DOI 10.47573/aya.88580.2.49

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Ensino fundamental. 4. Cartografia - Estudo e ensino. 5. Educação – Efeito das inovações tecnológicas. 6. Educação infantil. 7. Tecnologia educacional. 8 Educação física (Segundo grau). 9. Educação sexual. 10. Alfabetização. 10. Cultura afro-brasileira. 11. Educação especial. 12. Inclusão escolar. I. Pereira, Denise. II. Bortoloti, Karen Fernanda. III. Título

CDD: 370.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora EIRELI

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53
Fone: +55 42 3086-3131
E-mail: contato@ayaeditora.com.br
Site: <https://ayaeditora.com.br>
Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

Sexualidade nos anos iniciais e a atuação do psicopedagogo

Graciela Tormes

Graduada em pedagogia pela Universidade UDC Anglo-Americano. Acadêmica do trabalho de conclusão de curso de Pós-graduação pelo convenio UCDB/Portal Educação.

DOI: 10.47573/aya.88580.2.49.5

Resumo

A presente pesquisa intitulada “Sexualidade nos anos iniciais e a atuação do psicopedagogo” teve como objetivo apresentar uma reflexão sobre a atuação do Psicopedagogo no contexto escolar intervindo em questões relacionadas à sexualidade, conforme orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s) como tema transversal. Para tanto se realizou pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo cujo aporte teórico deu-se com base nos estudos de autores renomados na área, como: Sayão (1997); Soares *et al.* (2005); Lanes *et al.* (2013); Silva *et al.* (2010); dentro outros. Com o estudo pode-se constatar que 90% de nossos educadores ainda encontram dificuldades para debater com seus educandos assuntos relacionados a sexualidade, assim como os adolescentes também não dificuldades, mas receio de falar no assunto por conta da sociedade justamente por esse tema ainda ser um tabu.

Palavras-chave: orientação sexual. escolas. temas transversais. psicopedagogia.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Parâmetro Curriculares Nacionais (PCNs) a escola tem por obrigação incluir o tema Sexualidade nos planos de ensino dos anos iniciais do ensino fundamental I.

Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem somente o “Aparelho Reprodutivo” no currículo de Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano (PCNs). Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo. Normalmente acaba-se falando somente sobre a reprodução humana, para assim, preservar a inocência-pureza da criança (SAYÃO, 1997).

Estudos investigativos revelam que muitos professores acreditam que ao se falar sobre a sexualidade estarão despertando-as precocemente e levando-as à prática sexual, desconsiderando que elas já possuem informações vinculadas pela mídia, através de novelas, propagandas, música, danças, entre outros, ou até mesmo com a convivência no ambiente familiar.

A investigação do tema sexualidade nas escolas tem a gerar preocupações, a figura da criança e sua interação com a escola, que passa a ser o dispositivo social que atinge um grande contingente de pré-adolescentes (SOARES *et al.*, 2010) e por conta disso, torna-se o local privilegiado para o desenvolvimento pleno dos temas relacionados à sexualidade.

A busca por informações fez recorrer à pesquisa de investigação bibliográficas, por meio artigos, revistas e livros. Na presente pesquisa a hipótese nula a ser testada é: a escola trabalha o tema transversal sexualidade de modo contextualizado.

A orientação sexual nas escolas teve início no século XVIII na França e foi marcado como o período anti-sexual. O objetivo era orientar estes indivíduos aos perigos da sexualidade.

Na medida em que não se podia assegurar a ignorância absoluta, a informação dirigida e repressiva era o “menor dos males”, preservando assim a criança dos “perigos” da sexualidade. Na verdade, instala-se na França, nesse período, uma educação verdadeiramente “anti-sexual” (BARROSO e BRUSCHINI, 1982, p.118).

No final do século XIX, a questão sexualidade foi repensada, devido à preocupação dos diversos casos de doenças venéreas e o aumento absurdo de abortos clandestinos. Já no século XX a educação sexual esteve focada na finalidade de ensinar aos jovens a importância da vida sexual e a reprodução humana. Neste cenário, em 1920, a lei Francesa proibiu o aborto e iniciaram-se as campanhas dos anticoncepcionais. Porém, somente em 1973, no período pós-guerra é que o tema Orientação Sexual foi inserido oficialmente nos currículos das escolas (SOARES *et al.*, 2005).

No Brasil a abordagem “Orientação Sexual” surgiu por meio de correntes médicos - higienistas focadas na higienização do corpo e na reprodução humana, principalmente, na anatomia dos órgãos genitais. As iniciativas neste tema foram e ainda são escassas, uma vez que um número considerável de profissionais da educação tem dificuldade em abordar a temática sexualidade em um contexto social, ficando está reduzida ao ensino tradicional “genitalizado” (Sores *et al.*, 2005; Lane *et al.*, 2003; Silva *et al.*, 2010; Zornig, 2008).

Prevalece, nos PCNs e nas práticas docentes, uma visão biologizante da sexualidade, descolada dos condicionantes econômicos, sociais, políticos e históricos que envolvem o tema e que determinam a questão do respeito ao corpo, do prazer e do sujeito de desejos, portador de perspectivas e de sonhos (Martelli, 2009, pg. 575).

A educação sexual está presente no ser humano desde seu nascimento, onde a partir da infância, através do ambiente familiar, são transmitidas as primeiras noções relacionadas à sexualidade e as questões de gênero (SAYÃO, 1997). Assim, a criança passa a explorar seu próprio corpo e começa a identificar as diferenças entre os sexos, acabando por compreender a diferenciação cultural impregnada em cada gênero.

Na adolescência, a sexualidade é aflorada quando inicia o processo da puberdade, que se trata de mudanças físicas e alterações hormonais que provocam estados de excitação. Desta forma, a sexualidade segue presente em todas as etapas da vida, sendo singular em cada indivíduo e construída durante sua história, sendo marcada por diversos fatores (LANES *et al.*, 2013; SAYÃO 1997; SILVA *et al.*, 2010).

Também se podem encontrar outras posições acerca do assunto em um guia de orientação sexual. Segundo Freud, a sexualidade já nasce com cada um e que se desenvolve de diferentes formas no decorrer do desenvolvimento do ser humano.

“A sexualidade é algo inerente, que se manifesta desde momento de nascimento até a morte, de forma diferente a cada etapa do desenvolvimento” (FREUD. 1994, p. 22).

O próprio documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,s 2000), também diz que o ser humano já nasce com a sexualidade e que ela é de grande importância para o desenvolvimento físico e psíquico das pessoas.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Neste sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento (PCN, p.117).

De acordo com Cintia Favero (2000), a sexualidade começa a surgir por volta do décimo segundo aniversário da criança juntamente com a puberdade e adolescência.

A escola é um pilar essencial para se trabalhar o tema sexualidade justamente por ser um local com uma grande concentração de crianças e adolescentes que chegam às escolas em diferentes níveis de aprendizagem, tanto cultural quanto social, com contrastantes maneiras de pensar e agir.

O ideal seria a escola preparar-se pedagogicamente para lidar com essas diferenças e necessidades, acolhendo esses alunos de forma adequada, esclarecendo suas dúvidas e encaminhando-os para um caminho de orientação. Supõe-se um trabalho contínuo, sistemático e regular, que acontece ao longo de toda a seriação escolar. Deve começar na Educação Infantil e se estender até o final do Ensino Médio. Pressupõe a capacitação, reciclagem e acompanhamento do trabalho dos educadores, caracterizando um espírito de formação permanente (SAYÃO, 1997).

Vale ressaltar que a influência familiar é extremamente importante, uma vez que o seio familiar, com valores conservadores, liberais ou progressistas é fator determinante na formação e educação das crianças e jovens. Pode-se afirmar que é no espaço privado, portanto, que a

criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais irá construir e expressar a sua sexualidade.

PSICOPEDAGOGIA E SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES E JOVENS.

Conforme constatado na literatura sobre o tema, pode-se perceber que a sexualidade interfere na questão da identidade, principalmente do adolescente, e conseqüentemente, interfere no processo de aprendizagem.

O jovem que tem conhecimento de si, de sua sexualidade, passa a ter um maior desenvolvimento escolar, à medida que a relação entre autoconhecimento, sexualidade e a curiosidade acontecem, a aprendizagem é otimizada no espaço escolar.

Atualmente, famílias já se permitem a intimidade da conversa sobre a sexualidade, ou a possibilidade dos pais perceberem que existe sexualidade na família, coisa que anos atrás não acontecia.

Para isso, não basta um especialista ministrar uma palestra sobre o assunto, mas um trabalho sistemático que irá clarificar justamente o questionamento sobre os valores vigentes e possibilitar ao jovem ampliar sua autonomia e descobrir seus próprios valores diante da sexualidade.

As informações sobre a sexualidade podem contribuir para a disseminação de conhecimentos importantes sobre as conseqüências de se manter uma relação sexual sem utilizar os métodos contraceptivos e sem prevenir doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), como a HIV. Portanto, ainda há casos que essas informações não são transformadas em conhecimento e acabam resultando em uma gravidez indesejada e/ou no diagnóstico de DSTs.

Quando a escola oportuniza um espaço de discussão sobre a sexualidade aos adolescentes, isto tende a minimizar, pois terá um ambiente propício para sanar suas dúvidas e inquietações sobre a temática.

As escolas devem buscar primeiramente identificar o perfil da sexualidade destes adolescentes, podendo utilizar como instrumento aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, para em seguida promoverem cursos de orientação e educação sexual nas escolas para professores e alunos, talvez incluindo os pais desses adolescentes para terem uma visão mais ampla do desenvolvimento de seus filhos, tirando assim aquele mito de que sexualidade na escola e na comunidade ainda é um tabu.

Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola;

É preciso que se crie coragem para ampliar o espaço da orientação sexual regular, embora com alguns cuidados, por exemplo: o risco da orientação sexual tornar-se algo normativo, onde não haja espaço para o jovem descobrir seus próprios valores.

A orientação sexual é uma das formas de propiciar ao aluno um maior conhecimento sobre seu próprio corpo, é uma das formas de você estar lidando com coisas que estão mexendo com o corpo inteiro, lidando em termos de raciocínio, de reflexão, e também preocupados com o

sentir e o perceber-se.

Se está claro tratar-se de uma demanda por parte tanto de educadores/as, estudantes e comunidades, qualquer decisão envolvendo programas de educação sexual na escola precisa carregar consigo certas perguntas: educação sexual para quê? Para que serve?

PSICOPEDAGOGIA E A ORIENTAÇÃO SEXUAL:

Segundo Pinto (2008) em sua obra “Orientação Sexual na Escola”, a escola deve abrir espaço para uma orientação sexual. Deve realizar um trabalho de orientação sexual “que não se atenha apenas aos aspectos informativos ou biológicos acerca do tema, mas abra espaços para que os adolescentes possam debater os tabus, os preconceitos e a educação sexual de forma geral, buscando ampliar seus conhecimentos sobre a vida sexual e sobre a própria sexualidade”.

Ainda o autor, fazendo uma distinção entre orientação e educação sexual, apresenta as responsabilidades dos diversos agentes na interação com os jovens, defendendo que de forma alguma a escola pode pretender substituir a família na educação sexual.

Depois de uma breve passagem pela história dessa ciência e de mostrar o seu caráter interdisciplinar e seu foco nos problemas de aprendizagem, Pinto (2008), argumenta “que a orientação sexual poderá ser uma das armas da Psicopedagogia Preventiva, principalmente se levarmos em conta a enorme importância que a sexualidade tem no que se refere à identidade de cada pessoa”.

Assegura o autor “É mais louvável a escola que nada faz com relação à sexualidade de seus alunos e assume assim sua omissão do que as escolas que oferecem aos alunos palestras eventuais e cansativas, nas quais os jovens são sujeitos a uma aprendizagem passiva e entediante” (PINTO, 2008, p.176).

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO E O DA ESCOLA EM RELAÇÃO A SEXUALIDADE:

A Educação Sexual é um tema desafiante e de extrema importância no ambiente familiar e no ambiente escolar. A escola está sendo "convidada" a assumir indiretamente o papel principal: O de conduzir a educação sexual, não apenas de seus alunos, mas, de todos que estiverem envolvidos no contexto onde ela está inserida: "a comunidade".

É necessário desmistificar a pobreza, do ponto de vista antropológico e sociológico, junto aos educadores, uma vez que o início da vida sexual precoce ocorre muito mais nessa faixa social (pobre)", É pertinente ao psicopedagogo mediar, e intermediar os meios para a prevenção e resolução das problemáticas.

Escolas que tiveram bons resultados com a implantação da educação sexual relatam resultados, como aumento do rendimento escolar, devido ao alívio de tensões e preocupação com questões da sexualidade e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos.

Para crianças menores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e agitação em sala de aula (BRASIL, 1998, p.122). [...] e quem são, afinal os responsáveis por uma

educação sexual que permita uma visão consciente da sexualidade [...] claro que são primeiros e principais responsáveis são os pais [...] E quem são os adultos que, pelo menos em tese, deveriam aliar-se aos pais para nessa difícil tarefa de educar?

Inclusão da educação sexual no currículo escolar é uma questão de discussão a muito tempo, e é a mais conhecida pela denominação temática, vinculada aos chamados Programas de Saúde- uma excrescência de pedagogia da higiene das décadas passadas, que surgiu com a reforma do ensino dos anos 1970.

Notória a falência da autoridade familiar e escolar causada por diversas esferas e influências sociais Bettelhen *apud* Suplicy (2005, p. 114) diz: "Se limite não vem de casa, virá de outras fontes ou valores que serão fixados".

Conforme Souza (1991), valores são julgamentos subjetivos, elaborados pela pessoa ou numa vivência e revelam as preferências pessoais de um ser humano, segundo suas tendências pessoais e influências sociais do meio.

Nos programas de orientação sexual o desenvolvimento de duas habilidades é fundamental: treino de habilidade social e aumento de repertório verbal, pois quanto maior os comportamentos assertivos emitidos pelos adolescentes, maior é a probabilidade de haver discussões entre os parceiros.

Pelo fato de a sexualidade ser um tema complexo que reúne vários fatores, ela pode ser compreendida como uma junção do biológico, das crenças, das ideologias, dos desejos, das manifestações e práticas sexuais, fatores esses amplamente configurados por aspectos sociais e culturais. Desta forma, o ambiente social é um fator determinante no desenvolvimento humano que está diretamente interligada a identidade sexual, ao gênero, orientação sexual, envolvimento emocional, amor e reprodução (PRADO e RIBEIRO, 2010; RIBEIRO e OLIVEIRA, 2010).

Analisando diversos artigos e livros podemos observar que várias investigações utilizando a aplicação de questionários a professores de diversos estados e escolas sugerem que os mesmos não sabem ou se confundem com a o tema sexualidade e não incluem o debate sobre o assunto em sala de aula, conforme relatado pela maioria. Com o objetivo de investigar o conhecimento e a atuação dos professores com relação ao tema Sexualidade, uma pesquisa foi realizada com 100 professores da rede pública de ensino de um município de São Paulo. Os resultados demonstraram que, apesar de considerarem a importância do tema, a maioria dos professores não dispõe de conhecimentos suficientes para promoverem orientação sexual aos adolescentes, atendo-se muito mais no aspecto biológico da sexualidade do que nos sentimentos e valores que envolvem. O estudo concluiu que programas de treinamento e capacitação sobre sexualidade na adolescência são mais que necessários a estes profissionais (JARDIM e BRÊTAS, 2006).

O despreparo de alguns professores vem já de sua graduação, pois só após 1995/1997 depois da elaboração dos PCNs, que foi introduzido a sexualidade como sendo um dos temas transversais, e mesmo com a aplicação desse contexto há muita resistência dos professores em abordar o assunto.

Este mesmo cenário foi encontrado em uma análise investigativa com estudantes do ensino fundamental no Estado do Rio Grande do Sul e possibilitou aos autores refletir o quanto a temática sexualidade precisa ser repensada e representada no ambiente escolar. Considerando

que a permanência dos estudantes é significativa e propiciadora de intensa troca de experiências e reflexões, questões relacionadas às identidades de gênero, as configurações familiares, o prazer, o desejo, e as DST/AIDS são fundamentais (SOARES *et al.*, 2005).

Outro estudo que corrobora com os resultados já apontados neste trabalho foi realizado com estudantes de escolas públicas da cidade de Bauru no Estado de São Paulo. Revelando que a maioria dos estudantes apenas havia ouvido falar sobre o assunto sexualidade, principalmente de conversas entre parentes e amigos e/ou através da televisão. Ainda, relataram que, apesar de muita curiosidade, tinham vergonha de perguntar sobre o assunto para seus pais e professores, corroborando assim a importância dos professores em utilizar o anonimato como meio para chegar até as inquietações de seus alunos (SILVA *et al.*, 2010).

Outro projeto envolvendo a temática sexualidade foi realizado com estudantes do ensino fundamental e médio, com idade entre 14 e 20 anos, provenientes de um Colégio Estadual no município de São Carlos do Ivaí, Paraná. Os resultados desta intervenção pedagógica mostram que os pais precisam vencer seus tabus e mitos e assumir seu papel frente à educação de seus filhos. A escola, por sua vez, precisa realmente instruir seus alunos a esse respeito. O trabalho também concluiu que os professores precisam vencer os seus preconceitos, medos e até mesmo a falta de conhecimentos sobre o tema, pois precisam se conscientizar da importância do seu papel frente às questões abordadas (BELISSE, 2009).

Uma atitude positiva mediante este cenário nacional foi implementada com estudantes das séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do Distrito Federal. Na tentativa de incluir a temática sexualidade e após a escuta dos questionamentos de todos os alunos e em especial os que estavam no processo de descoberta da sexualidade, foram elaboradas seis oficinas sobre diversos temas: corpo humano, higiene e saúde, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. Os encontros ocorreram nos horários contrários às aulas e tiveram duração de 40 minutos cada e indicaram que os alunos passaram a apresentar um desenvolvimento da sexualidade de forma saudável, superando o mau desempenho da aprendizagem em sala de aula, resultante do comportamento inadequado (MOURA, 2010).

Enfim, os estudos investigativos realizados com estudantes, independentes da idade, revelam que ainda hoje a abordagem do tema sexualidade, está restrita à forma tradicional, higienista e moralista. No geral, os professores atribuem seu despreparo ao Ensino Superior que cursaram e também procuram justificar sua pequena dedicação a Orientação sexual a falta de tempo, dentro de uma grade curricular apertada, onde muitos conteúdos e avaliações devem ser vencidos em pouco tempo (SCHAFRANSKI e ROSSO, 2002).

As pesquisas mostraram que os profissionais desconhecem os reais objetivos da orientação sexual, que encontra limitações em seus ambientes de trabalho, mas que também demonstram falta de interesse em conhecer os Parâmetros Curricular Nacionais, os temas transversais e o planejamento interdisciplinar, como ferramentas indispensáveis para o exercício da docência em Orientação Sexual (SCHAFRANSKI e ROSSO, 2002).

Ao longo dos anos houve um progresso em resolver esta problemática, já que muitos professores em formação passaram a ter em sua grade curricular um aumento de carga horária nas disciplinas da área de biológicas como, por exemplo, o “ensino de ciências”. Estas iniciativas trazem melhoras e são percebidas na segurança destes profissionais ao abordar a temática

sexualidade. Aliado a isso tem a escola, que na maioria das vezes, não oferece o suporte necessário para esses professores estarem se qualificando e se atualizando constantemente. Os resultados desta pesquisa também revelaram este cenário. Entretanto, vale ressaltar que muitas vezes não é por desinteresse da escola e sim por falta de verbas para ofertar esses cursos de reciclagem (BELISSE, 2009).

As crianças chegam às escolas em diferentes níveis de aprendizagem, tanto cultural quanto social, com contrastantes maneiras de pensar e agir. É nesse momento que escola deve-se preparar pedagogicamente para lidar com essas diferenças e necessidades, acolhendo esses alunos de forma adequada, esclarecendo suas dúvidas e encaminhando-os para um caminho de orientação, caminho esses que muitas vezes veem sendo deturpado pela mídia, e também muitas vezes pela convivência familiar do dia a dia.

Prevalece nas práticas docentes, uma visão biologizante da sexualidade, descolada dos condicionantes econômicos, sociais, políticos e históricos que envolvem o tema e que determinam a questão do respeito ao corpo, do prazer e do sujeito de desejos, portador de perspectivas e de sonhos. (MARTELLI, 2009).

Por isto é importante os alunos terem não só dos professores, mas também da sociedade, uma orientação adequada sobre sexualidade.

Costa *et al.* (2009), sugere que antes de qualquer coisa, deve-se propiciar aos professores condições para que estes se percebam como seres sexuados no mundo, em permanente processo de educação, inclusive de educação sexual. Portanto, precisamos trazê-los para esta educação sexual emancipatória, fazendo-os refletir sobre os costumes repetidos acriticamente em nossa sociedade, questionando-os se os tabus, preconceitos e medos servem ainda para a realidade em que vivemos, tentando levar estes professores a falarem com naturalidade sobre a temática sexualidade.

A escola constitui-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação (PCN's, 1997). A aprendizagem não se realiza apenas na escola e nem é seu privilégio. Logo, a família e a sociedade não podem isentar-se de suas responsabilidades com a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada levou-me a sugerir que a temática sexualidade não é abordada como deveria segundo orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Muito disto se deve ao fato de os professores não terem preparo suficiente, tanto psicológico quanto acadêmico, pois segundo os próprios docentes esse tema é muito extenso, polêmico e longe de suas áreas de domínio, principalmente porque não encontram apoio da família e da sociedade, pois ambas, encontram desconforto ao debater sobre o assunto.

Se antes relacionávamos a sexualidade ao ato sexual, depois de aplicado e desenvolvido essa pesquisa, passei a vê-la e compreendê-la de outro modo, como um conjunto de manifestações expressas nas maneiras de sentir, de viver o corpo e seus prazeres, não só do seu corpo, mas com o corpo do outro. Podemos concluir que falar de sexualidade é, ao mesmo tempo, falar do individual e social, do biológico e do cultural, do racional e do emocional.

Contudo, ainda pode se observar que nas práticas pedagógicas e metodologias, a sexualidade tem destaque em disciplinas com cunho biológico, e que quando se realiza atividades voltadas a essa temática reflete-se em palestras realizadas por voluntários como, por exemplo, médicos e enfermeiros.

A análise das dúvidas dos educandos nos possibilitou ver o quanto à temática sexualidade precisa ser repensada e estudada no espaço escolar, inclusive pelos docentes que também tiveram dificuldade em conceituar o tema.

Ainda, se as escolas derem uma atenção maior a essa temática, os educandos terão fontes mais seguras para esclarecer e superar suas dúvidas e ter uma iniciação da prática sexual mais saudável.

Para tanto, precisa fazer com que a sociedade compreenda que não se trata de motivá-los a praticar o ato sexual, mas sim fazer com que eles tenham compreensão da importância de mostrar e falar sobre sexualidade com os educandos.

É aí que se mostra a grande importância da escola e profissionais da educação estarem preparados para lidar com esse assunto, já que a criança é a maior prejudicada quando se trata de sexualidade, pois as mesmas confundem sexualidade com sexo. Neste sentido, o trabalho aponta para a necessidade de qualificação profissional e busca de novas iniciativas metodológicas, bem como a concretização dos objetivos do Ensino Fundamental e Médio, que visam educar para a vida (SCHAFRANSKI e ROSSO, 2002).

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda *et al.* Adolescência. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 246 p.

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta paul. enferm.* [online]. 2009, vol.22, n.1, p. 71-76. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/a12v22n1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000. 225 p.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 97 p.

BEE, Helen L.. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 656 p.

BELISSE, Claudia Leila Belisse, *Atividade sexual precoce na adolescência: a importância da educação sexual nas escolas*. São Carlos do Ivaí, PR., 2009. Disponível em: Diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1460-8.pdf. 14 de abr. 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. *PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural orientação sexual/ Volume 10*. Secretaria de Educação Fundamental, 2ª Edição, Brasília, Editora, DP &

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF, 1998.

COSTA, A. P. *et al.* (2009). Sexualidade, gênero e educação: novos olhares. *Revista IberoAmericana de estudos em Educação*, v. 4, n.1.

- JARDIM, D.P., BRÊTAS, J.R.S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. Jandira SP. Revista Brasileira de Enfermagem, 2006, 59:157-162.
- LANES, D.V.C., Lanes, K.G., Santos, M.E.T., Silva, E.F.S.J., Moreira, B.L.R., Puntel, R.L., Folmer, V. A recreação como ferramenta metodológica para abordar sexualidade e gênero na educação infantil. Experiências em ensino de ciências (8)2. (2013).
- MENEZES, Ebenezer Takuno de. Orientação sexual e a psicopedagogia. Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 1999. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/orientacao-sexual-e-a-psicopedagogia/>>. Acesso em: 14 de abr. 2018.
- MOURA. Projeto de orientação sexual. Gente que está crescendo. Escola Classe 13 de Planaltina – DF. ,2010.
- ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (2009). (Martelli, pg 575) <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf> (14/10/2013, 17h e 57 minutos).
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf> (08/11/2013, as 14h e 20 minutos).
- PRADO, V. M., RIBEIRO, A. M. (2010). Gêneros, sexualidades e educação física escolar: um início de conversa. Motriz, Rio Claro, v.16, n.2, p.402-413.
- SCHAFRANSKI, A.P., ROSSO, A.J. Orientação sexual: Entre o proposto e o realizado nas escolas estaduais públicas de ensino fundamental e médio da cidade de Ponta Grossa. Dissertação de Mestrado, 2002.
- SEXUALIDADE NA ESCOLA: alternativas teóricas e práticas/coordenação de Júlio Groppa Aquino São Paulo, Sumus, 1997. EDITORA:AFILIADA :(Barroso e Bruschini, 1982 pg118).(Yara Sayão, pg,107).
- SILVA, F., ARRUDA, M.S.P., MAIA, A.C.B., LOCACHEVIC, G.A., MARCHETTI, C.M. (2010). O potencial do anonimato na identificação das curiosidades, dúvidas e questionamentos de púberes sobre sexualidade. Bauru SP Copex:208.
- SILVA, T.F.C.F., ARRUDA, M.S.P., MAIA, A.C.B., LOCACHEVIC, G.A., MARCHETTI, C.M. (2010). Sexual education in school: the potential of anonymity in identifying curiosities, questions and inquiries on pubescent sexuality. Caderno de resumos UNICAMP.
- SOARES, G., RIBEIRO, P.C, GAUTÉRIO, D.T., MACHADO, L.P., SOARES, Q. (2005) O que dizem e o que querem saber sobre sexualidade alunos/as dos anos iniciais do ensino fundamental??? Porto Alegre. RS. repositório.furg.br:8080/1/1623.
- SOARES, G.; RIBEIRO, P.C.; GAUTÉRIO, D.T., MACHADO, L.P., SOARES, Q. O que dizem e o que querem saber sobre sexualidade alunos/as dos anos iniciais do ensino fundamental. Enseñanza de las ciencias. (2005).
- SOARES, T. M. S. A escola como componente da rede social de apoio à paternidade na adolescência. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Faculdade de Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

